

## **A MORTE DE MARCONDES OU AS CARTAS QUE NÃO CHEGARAM**

**Carlos Herculano Lopes**

Se eles as tivessem recebido, talvez as coisas não acontecessem como naquela noite em que suando frio ele me pediu um copo d'água e o frade, após cofiar repetidas vezes a barba sem desviar de mim o olhar, o colocou em um jipe e seguimos para Santa Marta onde Marcondes foi internado. Os médicos lacraram com gesso as portas do quarto, proibiram visitas e eu fiquei, não sei por quantos dias, a andar pelos corredores atrás de uma ou outra notícia.

Duas semanas mais tarde, já sem esperanças, com fome e os piolhos infernizando a cabeça, minha mãe chegou. Estava aflita e suas mãos tremiam. Uma gagueira a dominava e também foi impedida de entrar no quarto onde ele estava, tentando, ainda, sem sucesso, conversar com o médico que às vezes passava por nós seguido por dois soldados e com um cachimbo entre os dentes.

Completo um mês que estávamos naquela situação e ainda era total o silêncio em torno da doença de Marcondes. No trigésimo terceiro dia, quando um bando de marrecos sobrevoou nossas cabeças, minha mãe começou a chorar; e eram tão fortes os seus soluços que as paredes tremiam e o médico, temendo que acontecesse o pior, lhe aplicou uma injeção.

E enquanto ela ficou desmaiada eu estive ao seu lado. Ora passava um lenço em seus lábios, porque no delírio ela pedia água, ora me divertia vendo os loucos do outro lado do pátio afogando os gansos. Eles eram muitos, todos usavam uniformes

e a morte de cada um era festejada, pois retiravam suas penas entre brindes e canções.

Quando segurei um deles e quis matá-lo, pois tinha a mais bonita plumagem, o frade passou por mim e, dedos entre a barba, como era costume, olhou nos meus olhos e tomou a pressão de minha mãe, enquanto eu medrosamente, abaixava a cabeça.

De outra vez, quando tentei forçar a porta, pois julguei ouvir a voz do meu irmão, ele me segurou pelos braços e apertando-os com força fomos ao escritório do médico, que, tirando o cachimbo da boca, disse que eu estava proibido de dizer à mamãe, ou ao meu pai, que Marcondes lhes escrevia cartas.

E quando surpreso, e pela primeira vez, tive coragem de olhar no rosto do frade e lhe perguntar se ele não as mandava, pois toda a nossa correspondência passava por suas mãos, o olhar que ele me lançou jamais conseguirei esquecer. Como sempre me lembro da gargalhada que dei quando, anos mais tarde, ao encontrar com um antigo colega, este disse-me que uma cascavel havia lhe picado a veia.

Foi tão grande a minha alegria ao saber da sua morte como o ódio que senti quando ele e o médico não deixaram que o meu pai, depois de viajar várias semanas, entrasse no quarto onde diziam estar Marcondes, sob pretexto que ele era portador de uma doença desconhecida.

Como se não bastasse, não nos deixaram vê-lo morto; e quando anunciaram que as cinzas seriam remetidas pelo correio, o fizeram de uma maneira tão fria que sensação igual nunca mais senti; mesmo quando em uma noite, ao chegar mais cedo de uma viagem, encontrei minha mulher na cama com um sobrinho.

Meu pai quis abrir um inquérito para apurar a causa da morte e chegou a pedir uma autópsia para a liberação do corpo. Mas a idéia não foi adiante porque o chamaram à delegacia, onde ficou por dois dias, e quando saiu, com a cabeça raspada e com um olho vazado, estava envolvido em tão grande silêncio que nunca mais ouvimos a sua voz. Pouco tempo depois ele foi encontrado morto dentro de um riacho.

Minha mãe passou a andar de luto e só saía à rua quando era aniversário de morte do meu pai ou de Marcondes. Então ela ia à igreja e encomendava uma missa. A vida em nossa casa tornou-se tão insuportável que eu pensei em voltar para o internato e entrar para a ordem. Mas desistindo em seguida, juntei a economia que me restava, comprei um jipe e hoje sou viajante.

Com a morte de minha mãe, encontrada em uma tarde com um retrato de Marcondes nas mãos, parece que a desgraça se abateu de vez sobre nós. Minha irmã tentou se matar duas vezes, conseguindo da terceira, quando ingeriu uma forte dose de arsênico. Eu, para não fazer o mesmo, afastei de minha convivência o que pudesse ser fatal.

E tudo ficou tão sujo naquela casa que era comum encontrarmos cobras e lagartos em nossas camas, baratas e moscas nos pratos de sopa; quando não era o ladrar constante e afinado de um cachorro que enchia de desespero as nossas noites.

Foi por não suportar aquela situação que resolvi, como já disse, comprar um carro e sair por aí, porque estando na estrada não penso muito nessas coisas. Faz vinte anos que não volto por lá. E as notícias que tenho, quando algum parente me procura, é que só resta mesmo o meu irmão mais moço, e esse vive pelas ruas a repetir em voz alta essas histórias. Ainda mora na mesma casa e tenho certeza que, se algum dia encontrá-lo, mesmo sabendo que é louco, não terei coragem de dizer a ele, como nunca falei a ninguém, que Marcondes lhes escrevia cartas.